

Índice

Introdução	9
------------	---

A Terra da Eternidade Radiosa

CONTOS

O Reservatório de Água	33
Os Binóculos	47
A Tesoura Ziguezague	57
Uma Sala Cheia de Ração	69
Os Observadores e os Observados	79
É Isto o Mundo do Espetáculo?	87
Bom a Valer	99
A Terra da Eternidade Radiosa	113

ENSAIOS E TEXTOS DISPERSOS

O Amor — por Outras Palavras	133
Pão com Torresmos	141
O Natal para Mim	145
Gregory Peck	153
Quando as Crianças Descobrem a América	159
Truman Capote	165
Romance e Grande Aventura	171
Uma Carta de Harper Lee	183

Fontes dos Ensaios e Textos Dispersos	189
---------------------------------------	-----

O Reservatório de Água

Do lugar onde se sentava, no recreio da escola, Abbie contemplava o céu e os campos dourados, julgando ver uma cintilação trémula no ponto em que se tocavam. Com tanto calor, não fazia sentido andarem a bater com tacos numa bola. Gemeu e esticou bem as pernas sobre a erva amarelada, perguntando-se por que razão os dedos grandes dos seus pés eram tão compridos — desproporcionados até, em relação ao resto do pé. Ela não era propriamente uma criança que apetecesse tocar: as unhas das mãos, uma lástima; na pele áspera dos nós dos dedos, cicatrizes vermelhas a condizer com as crostas nos joelhos. O cabelo castanho, caído para a testa, revoltou onde a franja crescera excessivamente. Os olhos, enormes, como que metidos para dentro do crânio, pálpebras tão espessas que pareciam sempre estar meio fechadas. Dizia-se que era muito parada.

Várias raparigas rodearam-na, em bloco, todas descalças e vestidas com peças de algodão desbotadas. Faziam parte do Grupo Dois do sexto ano, um conjunto de alunas de 15 e 16 anos, que apanhavam algodão durante metade do ano e aprendiam o que podiam no resto do tempo: raparigas de tornozelos grossos e rostos vermelhuscos, mãos rosadas e brilhantes, cabelo seco. Este ano, as companheiras de Abbie estavam no Grupo Dois; a maneira

rude de falar e a sabedoria camponesa, que as alienava das crianças da cidade, fascinavam-na. Involuntariamente, Abbie oferecia-lhes o que os pais delas mais desejavam: uma amiga cidadina que iria para a universidade, antes de casar com um dentista ou um advogado, ou que, na pior das hipóteses, regressaria a casa para ser secretária no Maiben County Bank.

A maior das raparigas soprou todo o ar dos pulmões e rastejou até Abbie. «Sai daí», disse. «O chão está tão quente que nem me consigo sentar.»

Enquanto Maybelle se atirava para cima do banco de pedra cinzenta, Abbie sentiu o aroma misturado de água-de-colónia *Hoyt's* com suor. «O melhor é não deixares que a Mna. Nash te cheire, Hawkins», disse.

Maybelle bufou. «Ela só nos disse para não usarmos perfume porque também anda atrás do Raymond Walters.» Raymond era o rapaz mais velho e mais alto de entre os que frequentavam a escola de Maiben County: 17 anos e mais de um metro e oitenta. Naquele ano, o Grupo Dois apareceu na escola com cabelo frisado e estojos de maquilhagem, algo que a Mna. Nash achou que era forçoso proibir desde logo. «As crianças mais pequenas», disse ela numa das suas muitas conversas privadas, «olham para vocês, as mais velhas, e seguem-vos, pelo que a vossa influência, para o bem ou para o mal, é enorme. Vamos tentar que essa influência seja para o bem, certo?»

«Ela a mim não pode fazer nada», disse Maybelle, com maus modos. «Se fizer, leva logo com a enxada na cabeça.» As raparigas desataram a rir.

«Bem, o melhor é não te aproximares dela hoje. Vi que comeu aquela coisa esbranquiçada outra vez, por isso deve estar com uma indigestão.»

«A Mna. Nash que vá pentear macacos. Ouve lá, Ab, ouviste aquilo da Louise Finley? Toda a gente estava a falar disso no autocarro, esta manhã.» Os olhos azuis de Maybelle faiscavam.

«Não. Quem é ela?»

Maybelle apontou um dedo rosado na direção do liceu. «Anda no nono ano. É a irmã mais velha da Mildred.»

Abbie acenou. Mildred Finley era uma aluna do quarto ano, de olhos esbugalhados, natural de Mexia, que causara um rebuliço no primeiro dia de escola por não saber como se puxa o autoclismo. «E então? O que é que se passa com ela?», perguntou Abbie.

«Bem... Ei, vocês todas, acordem! Já ouviram o que se diz da Louise Finley?» Os vestidos murchos de algodão aproximaram-se. Maybelle curvou-se por cima delas e disse: «A Louise Finley vai ter um bebé, e eu sei quem é o pai!»

As raparigas guincharam e Maybelle obteve o que desejava. Os seus braços roliços abafaram todos os quem-é-que-te-disse e os onde-é-que-ouviste. «Além disso», continuou, «a Louise vai ser enviada, amanhã, para uma residência em Mobile para mães solteiras. Claro que o pai dela pediu ao xerife que apanhasse o rapaz dos Eddards — porque é ele o responsável. O Sr. Finley descobriu porque a Louise contou ao Dr. Simmons o que se passou, e o Dr. Simmons contou ao pai dela e ao meu pai, e eu ouvi o meu pai contar à minha mãe. A minha mãe passou-se e disse que era uma vergonha para os cristãos e que aqueles Finley deviam ser destruídos pelo Estado, e disse que a culpa era toda daquele Sr. Finley, porque não tinha mão na filha, que fazia tudo o que queria, e que o Sr. Finley nunca mais ia poder andar de cabeça erguida!» Maybelle passou a língua pelos lábios. «Digo-vos uma coisa», acrescentou em voz baixa, «o melhor é que aquela Mildred e aquela Louise Finley não voltem a aparecer mais na comunidade de Mexia. Isto é uma desgraça para o nosso condado, uma desgraça é o que é!»

Abbie sentiu-se enojada. «A Louise é praticamente da tua idade, não é?»

«Sim. Uns meses mais nova, acho.»

Quando Abbie ficava surpreendida, os seus olhos abriam-se muito e coçava a nuca. «Mas a Louise não pode ter um bebé. Ela nem sequer é casada, Maybelle.»

Maybelle sorriu para as outras raparigas. «Ai isso é que pode, estúpida.» Respirando fundo, prosseguiu com uma voz doce: «Escuta, minha querida, tu podes ter um bebé em qualquer altura, a partir dos 12 anos. Raios, eu até podia ter tido um aos 11... Um homem encosta-se a ti e... Abbie, ainda não te apareceu aquilo?»

«Sim. No mês passado.»

«Pronto, então já deves saber.»

«O que queres dizer com isso, Maybelle? Saber o quê?» As mãos suadas de Abbie torceram a bainha do vestido, como se fosse uma bola de algodão suja. Sentia um ardor na barriga e um peso a vergar-lhe os ombros. As tranças loiras de Maybelle faziam um tremendo contraste com o céu, e o edifício da escola secundária, por trás dela, mudou ligeiramente de posição.

«Muito bem», abanaram as tranças. «É bom que entendas isto: se um homem te toca, depois de te aparecer aquilo, vais ter mesmo um bebé!» Maybelle deu uma palmada no banco.

Abbie ficou pálida e ouviu a sua própria voz a vir do interior do liceu. «Queres dizer no caso de um rapaz te pedir para...?»

«Isso mesmo. E se o fizeres, vais ficar com um bebé», acenaram as trancinhas, triunfais. «Aquela Louise Finley... Ei, o que é que se passa, Ab?»

Ela voltou a si, um pano molhado no rosto e o mau hálito da Mna. Nash, que respirava diretamente para as suas pálpebras. Abbie sentiu-se a ser levantada do chão. «Vou mandar-te para casa, não precisas de ficar aqui o resto do dia», disse a Mna. Nash. As coisas voltaram ao sítio: «Consegues chegar bem a casa, sozinha?»

«Sim, senhora.» Abbie vivia muito perto da escola, o trajeto era curto.

«Diz à tua mãe que te sentiste mal com o calor», sorriu a Mna. Nash, com os seus falsos dentes brancos.

De mãos na anca, a Sra. Henderson esperou que Abbie subisse os degraus e entrasse para o vestíbulo escuro e fresco. «Andaste outra vez à bulha?», perguntou. «A Mna. Nash telefonou e disse que estavas a caminho de casa, e que me explicarias o que aconteceu.» A Sra. Henderson empurrou-a pelo corredor fora.

«Desmaiei, mamã.»

O cenho carregado da mãe desfez-se. «Oh. É melhor dar-te alguma coisa. Vai deitar-te.»

Ela cuspiu de volta ao copo quase toda a mistura leitosa de amónia e água, virou-se de barriga para baixo e deixou-se estar em silêncio, até a Sra. Henderson sair do quarto.

Assim que ouviu o trinco da porta, Abbie fechou os olhos. Tremia como varas verdes por baixo do lençol; uma massa compacta ia subindo pela traqueia, e ela abriu a boca para a deixar sair. *Oh, Deus, rezou, não deixes que eu... não deixes! Faço qualquer coisa se impedires que eu...!* O peso nos ombros espalhou-se lentamente pelos braços; os joelhos e as coxas doíam-lhe. *Por favor, Deus, quero morrer. Eu não tinha intenção de... Eu não sabia... Oh, Deus.* Ia ser enviada para Mobile e nunca mais veria a sua família. Tinha havido uma vez aquela rapariga, dos Ames... Os Ames deixaram Maiben County e nunca mais voltaram... Toda a gente no condado conhecia os Henderson; teriam de se mudar para Barbour — não, porque o tio Dick vivia lá. Que fariam eles sem ela? Imaginou o pai a caminhar para casa, depois do trabalho, olhando para o fim da rua à espera que Abbie viesse a correr ao seu encontro e não vendo nada, a não ser a Brantley's Store. Depois, a entrar em casa e a tirar o seu chapéu de palha. Mãe, diria. Estou na cozinha, Jim. E quando o Sr. Henderson lhe tocasse, ela choraria. Os dois sentados na sala de estar, sozinhos, noite após noite, a pensarem no que teria acontecido a Abbie em Mobile...

Abbie gemeu e soltou mais um queixume. Todos os palavrões que conhecia reverberavam no seu cérebro — que significavam

eles, afinal? Não havia volta a dar: ia mesmo ter um bebé. Oh, Deus, o que iriam dizer os seus pais?

Então e Ed Dennis? Ele não queria que acontecesse, não o teria feito, se soubesse. Até hoje, ela esquecera Ed Dennis com as calças desabotoadas, a abraçá-la, há tanto tempo. Não, foi na última terça-feira, à tarde. Tinham estado a jogar à bola no quintal e depois, cansados, deixaram-se cair no chão, atrás da garagem. «Abbie», disse ele. «Deixa-me olhar para ti. Só quero ver como é o corpo de uma rapariga.»

Agora, se se soubesse, o xerife ia enfiá-lo na horrível prisão da cidade, por causa dela. Pobre Ed, não fez nada de mal. Conheciam-se desde que nasceram, e, daquela vez em que Ed fez um golpe enorme na perna, Abbie levou-lhe um presente para desejar as melhoras. Pensou em tudo o que se relacionava com Ed Dennis: o pai geria a estação de serviço Cas-A-Loma, na extremidade da povoação, e faltavam-lhe dois dedos; a mãe seguia a fé dos nazarenos; tinha duas irmãs mais velhas, já crescidas...

Virou-se de costas para baixo e fixou o olhar nos nós da madeira, no teto pintado de azul. Conta as rachas, pensou, como daquela vez em que tiveste escarlatina. Conta as rachas e elas serão dias, o bebé virá e serás apanhada... A Sra. Dee Peavy, do outro lado da rua, irá a correr contar à Sra. Burkett sobre a vergonha que se abateu sobre os Henderson e olharão de lado para o teu pai quando ele chegar a casa, vindo do escritório... De repente, começou a rir e sentou-se na cama, muito direita.

Afastou os lençóis e levantou-se: ora, aquilo não aconteceria pelo menos durante a próxima semana, e, quando acontecesse, ela poderia escondê-lo debaixo da casa, junto à chaminé! «Mamã», gritou. «Já me sinto melhor. Posso levantar-me?»

«Não, fica aí mais um bocado», ouviu-se a voz da Sra. Henderson, lá nos fundos da cozinha.

Voltou a estender-se na cama. A tensão dissipou-se nas pontas dos dedos, deixando-a exausta. Não demorou a adormecer.